

SOBRE OS PARASITÓIDES DE PLANOCOCCUS MINOR (MASKELL) (HEMIPTERA, PSEUDOCOCCIDAE), PRAGA POTENCIAL DO ALGODOEIRO NO BRASIL

Nelson Wanderley Periato

PqC do Pólo Regional do Centro Leste/APTA

nperiato@apta.sp.gov.br

Rogéria Inês Rosa Lara

PqC do Pólo Regional do Centro Leste/APTA

rirlara@apta.sp.gov.br

A EMBRAPA/Algodão divulgou recentemente alerta sobre uma nova praga que vem atacando lavouras de algodão no Estado da Paraíba: trata-se de uma espécie de cochonilha, cujo nome científico é *Planococcus minor* (Maskell) (Hemiptera, Pseudococcidae) (Figs. 1 e 2).

Figura. 1. *Planococcus minor* em algodoeiro. Fonte: EMBRAPA/Algodão



Figura. 2. *Planococcus minor*. Fonte: www.invasive.org



É uma espécie cosmopolita, polífaga, citada para o Brasil, Argentina, Índia e Filipinas. Apesar de sua ocorrência ter sido relatada em outras culturas como café, só recentemente foi detectada no algodão, onde pode atacar toda a planta e causar infestações mesmo quando os capulhos já se encontram abertos. Esta cochonilha é um pequeno inseto ovalado, de coloração rosada e corpo recoberto por cerosidade branca e número variável de filamentos. A área com maior ocorrência da cochonilha é o Vale do Piancó e, segundo pesquisadores da EMBRAPA/Algodão, a deficiência hídrica e as altas temperaturas, comuns naquela região, favorecem o ataque do inseto. É recomendado o arranquio e a destruição das plantas atacadas e se evitar o plantio do algodoeiro nas proximidades de outras plantas hospedeiras.

Este inseto suga a seiva da planta e expele continuamente gotículas de um líquido adocicado (honeydew), o que atrai formigas que agem como dispersoras da praga para outras plantas, além de proteger as colônias de cochonilhas da ação de inimigos naturais. O depósito deste líquido na superfície do limbo foliar possibilita o desenvolvimento de um fungo não patogênico, o que reduz a eficiência fotossintética das folhas; seu depósito sobre as fibras resulta em manchas, o que deprecia o produto final.

A maioria das espécies de *Planococcus* se reproduz sexuadamente (a reprodução assexuada, por partenogênese, também pode ocorrer). As fêmeas de *P. minor* produzem entre 65 a 425 ovos, dependendo do hospedeiro e cada geração transcorre entre 31 a 50 dias, podendo ocorrer até 10 gerações/ano.

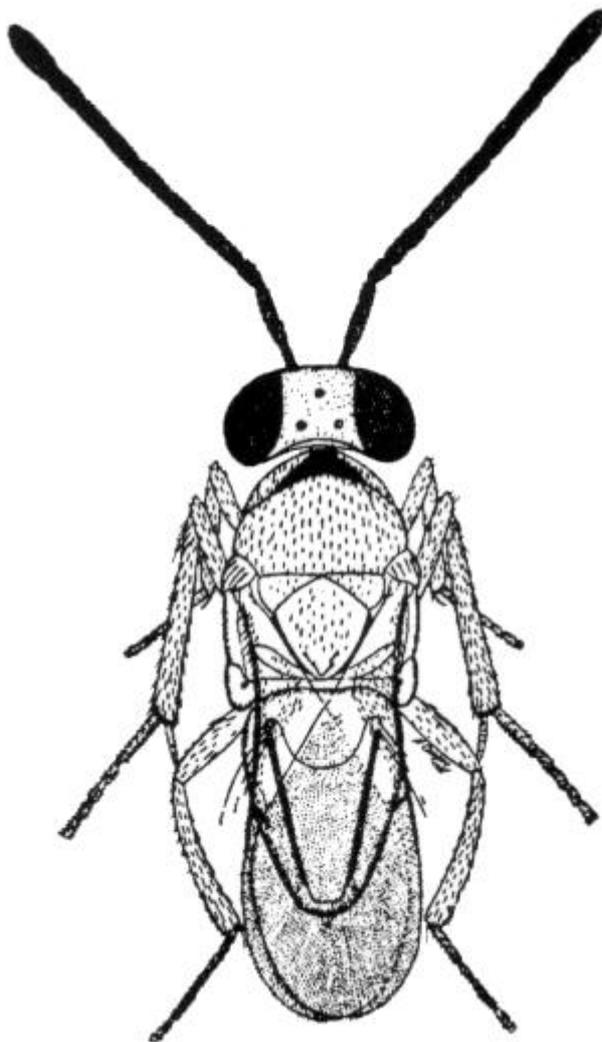
Esta cochonilha é considerada praga de alto potencial de impacto ambiental nos Estados Unidos da América e consta da lista "Global Pest and Disease Database"; sua ocorrência

generalizada no território brasileiro poderá levar à imposição de restrições ao comércio com aquele e outros países.

Dada sua recente detecção no algodoeiro, inexistem produtos registrados para seu controle e, devido sua grande habilidade de dispersão, é necessário buscar, em caráter emergencial, alternativas para convívio com esta praga.

Segundo a Universal Chalcidoidea Database, mantida pelo Museu de História Natural de Londres, são citadas apenas três espécies de vespas parasitóides, da família Encyrtidae (Tetracneminae), que se utilizam desta cochonilha como hospedeiro: *Anagyrus mangicola* Noyes, 1990, *Anagyrus mirzai* Agarwal & Alam, 1959 e *Leptomastix dactylopii* Howard, 1885 (Fig. 3).

Figura. 3. *Leptomastix dactylopii* Howard, 1885



A. mangicola tem ocorrência conhecida para a África (Benim, Gabão, Gana, Nigéria, Serra Leoa, Togo), Ásia (Bangladesh e Índia) e Indonésia (Sulawesi), onde tem como hospedeiros primários os pseudococídeos *Ferrisia virgata*, *Phenacoccus* sp., *Planococcus lilacinus*, *P. minor*, *Rastrococcus invadens* e *R. spinosus* e é associada a plantas de citros (*Citrus* sp.) (Rutaceae), manga (*Mangifera indica*) (Anacardiaceae), goiaba (*Psidium guajava*) (Myrtaceae) e *Ficus polita* (Moraceae).

A. mirzai tem ocorrência conhecida para a África (África do Sul, Congo, Gabão e República do Maláui), Ásia (Bangladesh, Índia e Paquistão) e Oriente Médio (Jordânia), onde tem como hospedeiros primários *Inglisia bivalvata* (Coccidae), *Icerya formicarum* (Margarodidae) e os pseudococídeos *Ferrisia virgata*, *Ferrisiana virgata*, *Maconellicoccus hirsutus*, *Nipaecoccus* sp., *N. vastator*, *N. viridis*, *Paracoccus burnerae*, *Phenacoccus manihoti*, *Planococcus citri*, *P. minor*, *Rastrococcus iceryoides* e *Saccharicoccus sacchari* e é associada às casuarinas (*Casuarina* sp. e *C. equisetifolia*) (Casuarinaceae), euforbiáceas (*Manihot esculenta* e *Securinega leucopyrus*), fabáceas (*Acacia* sp., *A. modesta*, *Arachis hypogaea* e *Tamarindus indica*), rutáceas (*Citrus* sp. e *C. medica*), *Morus alba* (Moraceae), goiaba (*Psidium guajava*) (Myrtaceae), *Aeonia* sp. (Orchidaceae), *Santalum album* (Santalaceae) e vinha (*Vitis vinifera*) (Vitaceae).

L. dactylopii tem distribuição cosmopolita e, para o Brasil, ocorrências conhecidas para os Estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo e tem como hospedeiros primários *Aspidiella hartii* (Diaspididae) e quase meia centena de espécies de pseudococídeos, dentre as quais *Planococcus minor*. *L. dactylopii* está associada a 27 famílias de plantas mas, ao que se saiba, não a Malvaceae, família a que pertence o algodoeiro. Esta espécie de parasitóide parece ter potencial para ser estudada para uso no controle biológico da cochonilha *P. minor* já que é farta a literatura relatando sua introdução em diversos países para o controle de *P. citri* em culturas como citros, café e videiras.